

## **CRIANÇAS E JOVENS CEARENSES PARA A COMPANHIA DE JESUS: UMA HISTÓRIA DA ESCOLA APOSTÓLICA DE BATURITÉ (1922 – 1962)**

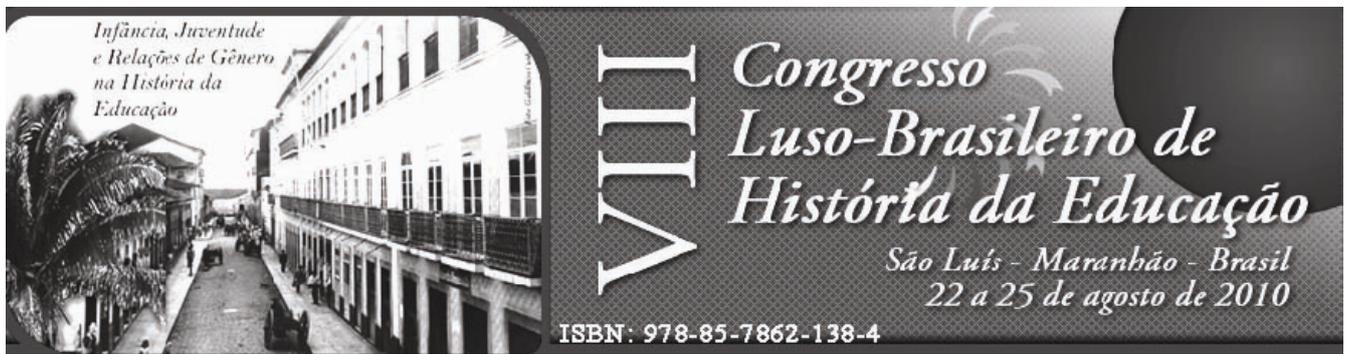
Maria Juraci Maia Cavalcante UFC)

### **Introdução**

Este artigo integra uma investigação mais ampla que trata da acção política e educativa dos Jesuítas Portugueses no nordeste do Brasil, no século XX, a partir da perseguição sofrida por esta Ordem, depois do advento da República em Portugal (1910), e de sua consequente expulsão, quando, segundo a historiografia jesuítica consultada, é concebida e iniciada a *Missão Setentrional da Província Portuguesa Dispersa*, dirigida a vários lugares de destino, entre os quais estaria a antiga colónia do Brasil, onde a Companhia de Jesus antes baseara grande parte do seu projecto de cristianização, por dois séculos, até a sua expulsão por ordem de Pombal.

A referida Missão tem feito parte da crónica, testemunho e historiografia jesuítica, em Portugal e no Brasil, que se configura, como é o caso de António Paulo Cyriaco Fernandes e Ferdinand de Azevedo (1986), aqui examinados, como uma emblemática construção da memória histórica da Companhia de Jesus, onde encontramos seguintes aspectos: 1) a decisão de migrar em função da expulsão republicana, o acolhimento dos Jesuítas portugueses e o forte apoio de figuras proeminentes do Clero e da República do Brasil; 2) a fundação pela Ordem do *Colégio António Vieira* e a sede da Província dos Jesuítas Portugueses, na cidade de Salvador, estendendo-a depois para Belém do Pará, São Luís do Maranhão e Recife, em Pernambuco, onde fundam o *Colégio Manoel da Nóbrega* e uma Residência; 3) a chegada dos Jesuítas ao Ceará, e a instalação de um Noviciado e Casa de Formação.

Esta comunicação parte, portanto, da narrativa histórica e da memória de alguns expoentes da intelectualidade jesuítica, em circulação no Brasil e em Portugal, com vistas a colocá-las, posteriormente, sob o ângulo das considerações de Paul Ricoeur (2007) acerca das intrincadas relações entre memória, história e esquecimento - particularmente, de um certo “dever de memória”, sob a modalidade de “imperativo de justiça” – em confronto com outras



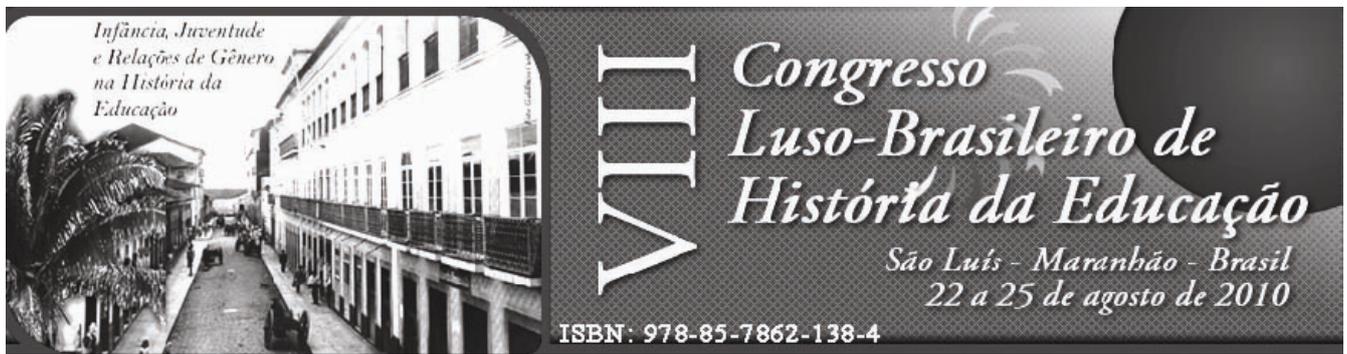
fontes documentais, jornalísticas e orais, que estão sendo obtidas e constituídas por esta investigação, para uma reconstrução histórica externa, que permita uma interpretação assente no significado político e social da presença dos Jesuítas, como agentes educativos no Ceará, bem como integrá-la ao circuito acadêmico da nossa História Educacional.

### **A Escolha do Ceará como Localidade para Instalação e Consolidação da Escola Apostólica**

Na década de 1930, o Padre António Paulo Cyriaco Fernandes, missionário de origem portuguesa, instalado na cidade do Recife, trata em livro de uma viagem que realizara a Fortaleza, onde chega para tomar o comboio com destino a Baturité, para conhecer a *Escola Apostólica* da Companhia de Jesus, instalada ali no final da década anterior. Sobre a dita viagem escreve um relato que será depois incorporado ao seu livro *Missionários Jesuítas no Brasil no Tempo de Pombal*, publicado no Rio Grande do Sul, em 1936, e por nós consultado na Biblioteca da Faculdade de Filosofia, da Universidade Católica Portuguesa, na cidade de Braga, o que demonstra a activa circulação da memória histórica da Companhia de Jesus.

O autor começa por descrever a capital cearense, Fortaleza, ressaltando a sua atmosfera cultural e religiosa, a força e organização política do catolicismo, o problema religioso do Joazeiro, o contacto que teve com o intelectual Barão de Studart, que exerceu a função de médico, historiador, militante católico e primeiro presidente do Instituto Histórico do Ceará. Oferece ainda uma lista de Jesuítas que deixaram seus nomes inscritos na acção missionária desenvolvida no Ceará, desde a época colonial, que caracteriza como fundadora de vilas e lugarejos com base nos aldeamentos criados por suas missões. Os vários aspectos por ele destacados, à guisa de comentários apreciativos e impressões, são aqui lidos e comentados em separado, segundo critério classificatório das questões por ele abordadas.

Em suas considerações sobre a capital cearense, o Padre Fernandes contrapõe progresso material e religioso, fornecendo evidências por ele colhidas de um e de outro para aspecto, à seguir, dedicar-se ao exame da força e organização política do catolicismo em Fortaleza, tanto por parte do Arcebispado, quanto por adesão de católicos laicos, sob a óptica



de um conjunto de iniciativas, obras e acções que o surpreendem e o levam a salientar uma certa “generosidade” local, que adjectiva de rara e vivamente cristã.

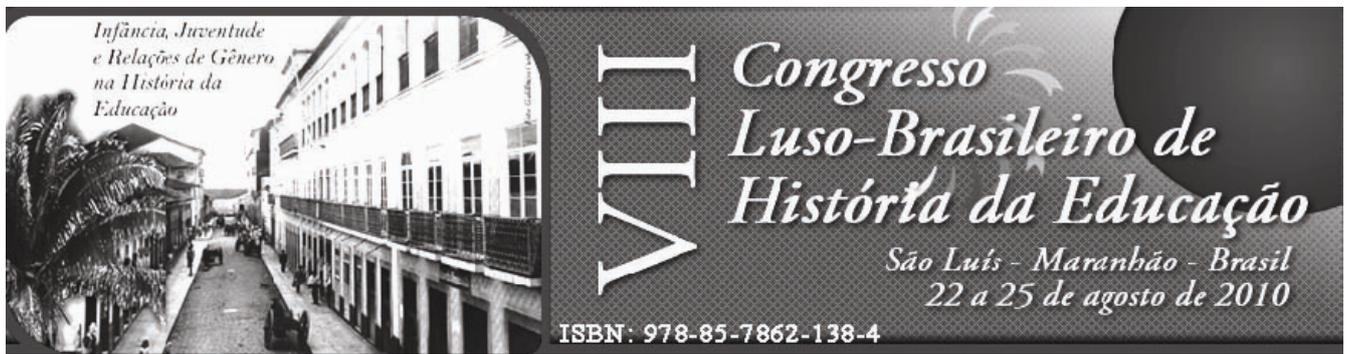
É realmente admirável o surto das obras católicas, nestes últimos anos, na capital do Ceará. É a obra das vocações; é o Bom Pastor, é a Leprosária; é o Patronato; é o Banco Popular, talvez o único no seu género em todo o Brasil que tem por estatuto ceder 40% dos seus lucros líquidos a obras pias e sociais, e de fato já lhes deu, desde a sua fundação, que foi em 1920, mais de 150 contos; é o Círculo Católico dos operários, talvez sem exemplo na Terra de Santa Cruz; é o Diário católico, o “Nordeste”, que deve causar inveja as nossas grandes cidades, tendo chegado até a ter duas edições por dia ( p. 158).

Tece o seu comentário, em tom de grande admiração, sobre a existência de testamentos e doações realizadas por católicos cearenses para tais realizações, vinculando-as ainda ao estímulo dado pela Arquidiocese de Fortaleza, na pessoa de Dom Manuel da Silva Gomes.

Ele mostra, portanto, que havia no Ceará, entre as décadas de 1920 e 1930, um ambiente social favorável ao Catolicismo, onde são ainda traçados “planos novos” que mostram a receptividade do Ceará republicano à continuidade e fortalecimento da acção da Igreja Católica, o que ilustra, através do anúncio de materialização de três grandes obras assistenciais e educativas, deixadas a cargo de ordens religiosas, sob “as bênçãos do céu”, em sua entusiasmada avaliação:

Já trazem entre mãos três projetos novos que podiam fazer amedrontar a mais de uma cidade rica, e contudo já começaram a ser uma realidade. Um é a magnífica Igreja e Convento para os Franciscanos, orçado em mil contos. O segundo é a Escola Agrícola, e de Artes e Ofícios, com a sua Igreja para serem entregues aos Padres Salesianos. E o terceiro é o do vastíssimo templo gótico, primeiro monumento dedicado a Cristo Rei no Brasil, para ser oferecido aos Jesuítas junto com uma casa de Exercícios, anexa do mesmo templo. Daquí é fácil imaginar a piedade desse povo. Na Igreja do S. Coração dos Padres Capuchinhos há 500 comunhões diárias [...] (p. 160).

Feito o prodigioso quadro do catolicismo cearense, o padre António descreve então a sua chegada a Baturité, distante cem quilómetros de Fortaleza, a que vai de comboio, fazendo este comentário sobre o impacto que lhe causa a visão do majestoso prédio da Escola Apostólica, assim como do seu alunado:



Quase uma hora antes de chegar à estação de Baturité já se avista no alto o majestoso edifício da Escola Apostólica como que convidando os passageiros àquele remanso celestial. [...]

O automóvel galgou em um triz a encosta íngreme, e eis-nos nesse Edifício, alcandorado com uns aspectos de castelo colossal, no meio dessa rapaziada contente, folgazã, radiante de mais puras alegrias do que o canto da passarada que povoa o bosque em volta da casa e vem fazer nele os seus ninhos [...] (p. 162-163).

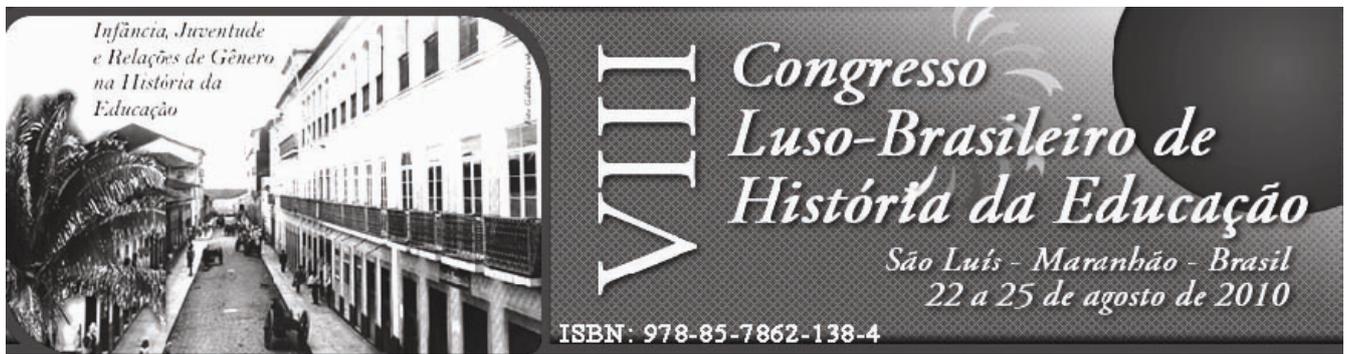
Prossegue em seu memorial com uma descrição minuciosa e impressionada do edifício monumental onde está instalada a Escola Apostólica de Baturité (IDEM, p. 164).

No tocante ao apoio dado aos Jesuítas no Ceará para a realização da sua acção missionária, tomaremos ainda por base um outro relato, o de Ferdinand de Azevedo. Este importante historiador jesuíta salienta a aceitação da presença e o crescimento auspicioso do plano inicial dos Jesuítas portugueses proscritos de Portugal, tanto na sua capital, Fortaleza, quanto no município de Baturité, localizado numa região serrana do Ceará:

Inicialmente para a Missão Portuguesa, Fortaleza, a crescente capital do Ceará, servia apenas como um ponto de apoio para a Escola Apostólica em Baturité. Nas suas passagens pela capital, os Jesuítas hospedavam-se no Seminário Diocesano, sendo recebidos cordialmente pelo seu extraordinário Reitor, Pe Guilherme Vaessen, C.M. Um vez definida a construção da Escola Apostólica, uma residência jesuítica na capital se tornou imperiosa. Tal decisão agradou muito a Dom Manoel, que desde 1920 tinha sugerido ao Pe Pinto que abrisse uma residência em Fortaleza, até tentando-o ao frisar que o Jesuíta podia encontrar lá também seu tão cobiçado sanatório.(Azevedo, 1986, p. 226)

Azevedo destaca também a personalidade forte e o empenho declarado do Arcebispo de Fortaleza, Dom Manoel, em acolher a Irmandade dos Jesuítas, dando a ela tarefas apostólicas e educativas de sabida importância no quadro de fortalecimento do Catolicismo no Ceará republicano, no que é confirmado pelo historiador Vinicius Barros Leal (2006). Trata-se de um processo firme de organização estratégica da Igreja Católica, que exerce uma tutela deliberada sobre o movimento operário; envolve até mesmo a criação de uma cooperativa de crédito, além de contar com um jornal católico para publicar e defender o ideário católico por parte do Clero e seus apoiadores.

O convite de Dom Manoel aos Jesuítas caracteriza bem sua opinião favorável não somente à Companhia de Jesus mas também, às Congregações



Religiosas, em geral. Este grande Arcebispo tinha uma visão abrangente das atividades religiosas. Zeloso do bem-estar social e espiritual de seu povo, fundou o influente diário, “O Nordeste” e a Cooperativa de Crédito Popular São José, cujo nome, mais tarde, foi mudado para o de Banco Popular de Fortaleza [...] (AZEVEDO, 1986: 227)

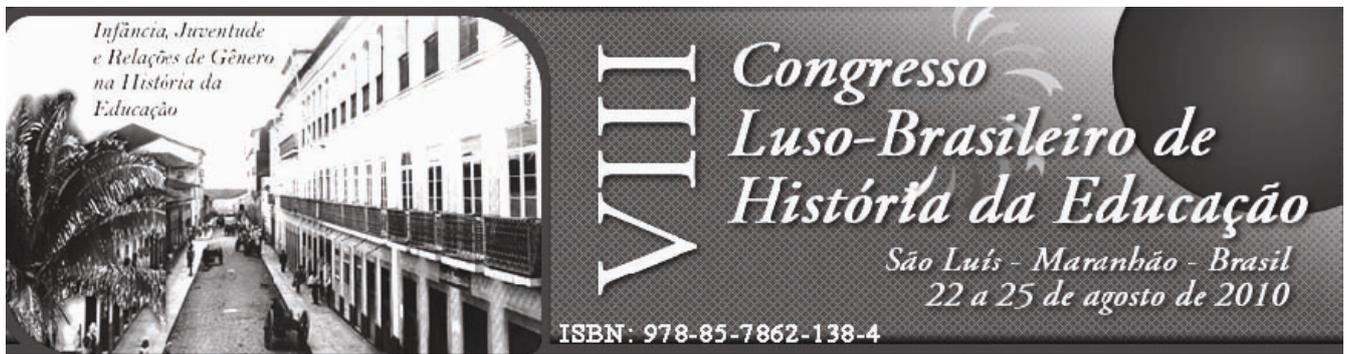
Aos Jesuítas será dada também uma nova paróquia, a do Cristo Rei, por decisão do mesmo Arcebispo, quando eles procuram fixar uma residência da Companhia em Fortaleza, com a função primordial de dar início à obra de fundação de uma Escola Apostólica da Companhia de Jesus no Ceará.

**A Escola Apostólica de Baturité:** 1922-1929(Construção e Abertura/Casa de Retiros); 1932 (Noviciado); 1934 (Juniarado)

É importante compreender o significado e a motivação dos Jesuítas portugueses para a decisão da instalação de uma Escola Apostólica no Estado do Ceará, em meio a uma forte polêmica, dado ser a sede daquela Província localizada em Salvador, capital da Bahia e, considerar o ineditismo da localização proposta, tanto em relação à preferência da Companhia de Jesus por instalar tais escolas em território europeu, como em relação ao próprio Brasil, sabendo-se que o Ceará não constituía, do ponto de vista económico e político, o centro da região nordeste, face à força das cidades do Recife e Salvador, no período em que a localização daquela Escola seria definida. Acompanhando as preocupações de Azevedo (1986, p. 165), sabemos que:

A Companhia de Jesus sempre deu muita importância à formação de seus membros e os jesuítas portugueses permaneceram fiéis a esta tradição. Nos fins do século XIX era comum em alguns países a candidatos à Companhia passarem, primeiramente, pelas Escolas Apostólicas, que para a Companhia e as outras ordens, equivaliam ao Seminário Menor Diocesano.

O jesuíta francês Albérico de Foresta fundou a Primeira Escola Apostólica em Avinhão, em 1865. Inicialmente, essa nova instituição tinha por finalidade preparar aspirantes ao sacerdócio para todos os tipos de sociedades missionárias então existentes na França. Em pouco tempo, porém, muitas ordens e instituições religiosas fundaram suas próprias escolas preparatórias, mesmo não as chamando Escolas Apostólicas, para preparar próprios candidatos ao Noviciado.



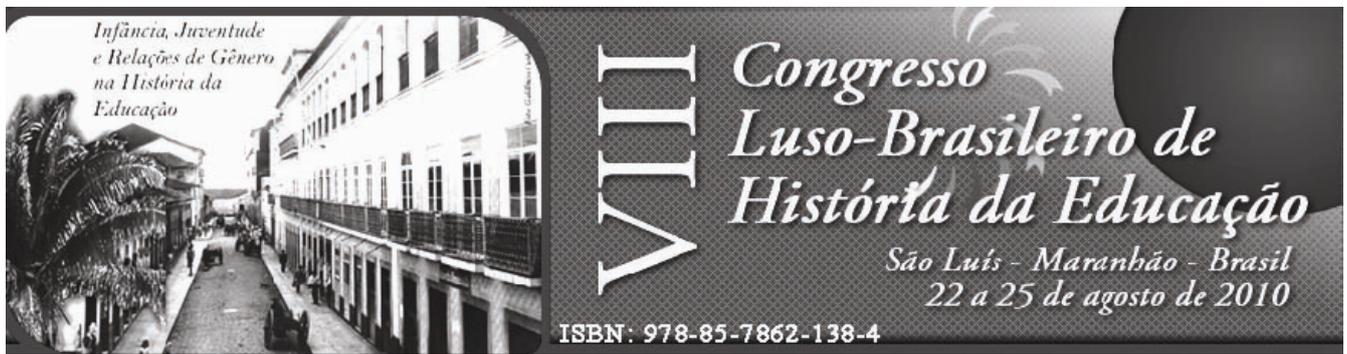
Em 1880, os Jesuítas portugueses estabeleceram sua Escola Apostólica no Barro e a mesma foi transferida mais tarde, primeiro em 1892, para Guimarães; segundo, depois da Revolução Portuguesa, em 1910, para o Seminário Pontifício de Salamanca e terceiro, em 1915, para San Martin de Trevejo. Chegando ao Brasil, os Jesuítas portugueses naturalmente pensaram em fundar uma Escola Apostólica para a sua Missão. Isto não surpreende, considerando-se que no desenvolvimento da Província Portuguesa, a Escola Apostólica fornecia nada menos que 50% das vocações.

Por tudo isso, fica evidente que a discussão sobre a necessidade de fundação de uma Escola Apostólica no Brasil não foi nada consensual. Além do mais, fica-se sabendo que havia uma ala favorável à que a sua implantação se desse no Sudeste do País, a qual, por sua vez, se contrapunha àquela, liderada pelo Padre Antonio Pinto, que queria instalá-la no Nordeste, onde estava também radicada a sede da *Província dos Jesuítas Portugueses Dispersos*. Acrescenta ele que os jesuítas que se contrapunham à escolha de uma localidade da região nordeste também argumentavam a favor de São Paulo ou Minas Gerais, por razões de ordem econômica, tanto da região que integravam, quanto pelo poder aquisitivo das famílias dos possíveis candidatos a alunos da Escola Apostólica, que deviam assim pagar por essa formação. Azevedo refere-se ao teor daquela demorada discussão, situando-a entre 1913 e 1921.

Azevedo salienta também o importante papel da mudança de Provincial, ocorrida em abril de 1919, para que fosse firmada a escolha de Baturité em definitivo para acolher aquela instituição escolar.

O projeto da Escola ganhou impulso com a mudança do Provincial, em abril de 1919 e, principalmente, do Superior da Missão Portuguesa em dezembro do mesmo ano. O Pe. Cândido de Azevedo Mendes substituiu o Pe. Pinto como Provincial e este por sua vez passou a ser o Superior da Missão em lugar do Pe Gonçalves. (IDEM, p. 166-168)

Resumidamente, o Autor conclui esta passagem do seu relato afirmando que os Jesuítas Portugueses receberam propostas para instalar a Escola Apostólica em Nazaré, Bananeiras(PB) e Sorocaba(SP). Mas, seria efetivamente no município serrano de Baturité, no Ceará a sua instalação.



O historiador Jesuíta prossegue em sua apresentação do relato do Padre Pinto, dizendo que este foi aconselhado pelo Vigário Monsenhor Manuel Cândido e Pe João Frota, que havia sido “antigo aluno dos nossos Padres em Roma”, a fazer o Colégio não em Guaramiranga, mas, mais embaixo, na encosta da Serra, em algum Sítio, ou numa grande propriedade de terra, o qual ainda fala sobre uma acasião em que estando ele em visita a Dom Manoel, lhe chega “um excelente catholico Ananias Arruda” que, segundo ele, por acaso ou providência, lhe acompanha em Baturité, hospedou-o, foi buscá-lo no seu automóvel e “desde, então, tem sido o meu braço direito neste trabalho da escolha”. Sabemos a seguir que teria sido justamente “*este nosso amigo indicou como optimo local um grande sítio chamado “Olho de Água”*”. (IDEM, p. 171)

Nas páginas seguintes, Azevedo mostra a situação econômica da região onde estava sendo instalada a Escola Apostólica de Baturité, conhecida por se tratar de uma zona de plantio e colheita de café, que dera bons frutos e fortalecera a sua elite. Detém-se logo depois nas queixas dos missionários fundadores daquela Escola em relação às dificuldades financeiras por eles enfrentadas para angariar fundos para a sua construção, de uma campanha que os Jesuítas deflagaram quando da preparação comemorativa do *Centenário da Independencia de 1922*, com o mesmo fito, ressaltando o alto custo da formação dos Jesuítas. (p. 173-179)

O Autor comenta que o Padre Pinto não obteve o sucesso esperado nessa campanha do Centenário da Independência, quando foi lembrado o papel da Companhia de Jesus no desenvolvimento do Brasil colonial. Que mesmo assim lançou em 1922 foi lançada a pedra fundamental do prédio da Escola, cujo nome completo seria: *Seminário Menor do Coração de Jesus – Escola Apostólica de Baturité*. Ele prossegue dizendo da cronologia daquela ação:

[...] que os Jesuítas tomaram posse do Sítio Olho D’Água em fevereiro de 1922; em outubro do mesmo ano dá-se a chegada do Pe Alexandrino Monteiro e do Irmão Roque Martins para residir no Sítio. O Sítio passou a chamar-se BEATO INÁCIO DE AZEVEDO. Dia 03 de dezembro de 1922 é a festa de São Francisco Xavier e lançamento da pedra fundamental daquela Escola/Seminário.



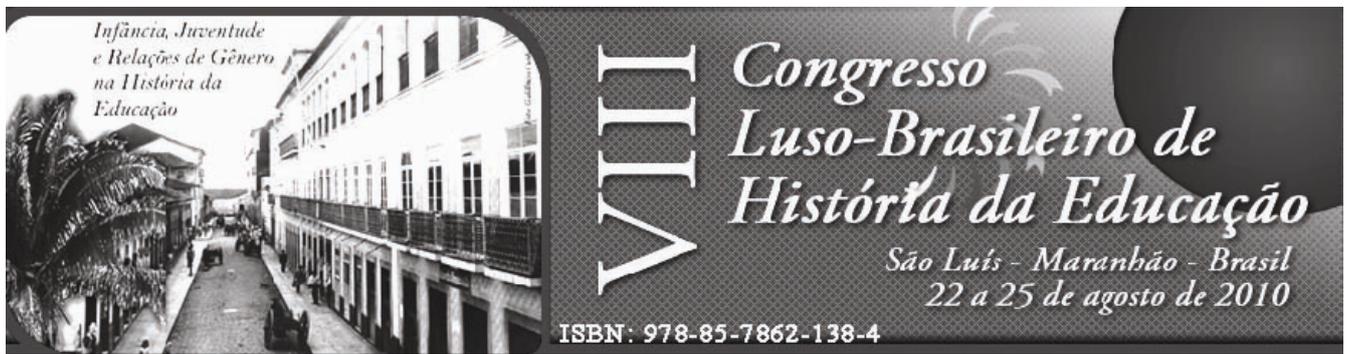
Continua a esmiuçar os custos da construção da Escola e refere-se a críticas ao Pe Pinto, vindas de alguns companheiros da Companhia, entre eles o Pe Gonçalves, Diretor do Colégio Nóbrega, devido justamente aos altos custos, que desde 1920, a ela se opunha, sendo ele o mais duro de todos, por duvidar muito do sucesso daquele empreendimento, em face da sua localização e da qualidade dos futuros apostólicos do Nordeste. (p. 183) A esse respeito, alude Azevedo a uma carta do Pe Gonçalves ao Pe provincial, datada de março de 1923, expondo o seu ponto de vista, onde lembra os estragos causados em anos de seca no Ceará, e salienta que São Paulo tem muito dinheiro, que os meninos/alunos do sudeste são oriundos “de famílias boas, que pagavam pelo colégio”, etc. Vale a pena ler um trecho da carta:

Receio que ella ( A Esc. Apost.) se limite a meninos cearenses, os quaes não teem fama de muito constantes, e são geralmente muito pobres, e hão de falhar muito. Nosso Senhor permita que esta informação não seja verdadeira: mas é de vários. Depois no Brasil ninguém vae pedir instrução ou civilização no Norte: os do norte veem-na buscar ao Sul. Há-de haver uma certa repugnancia na gente dos estados do Sul em ir ao Ceará. Os Cearenses são muito apaixonados pela sua terra, como os nossos transmontanos, mas o resto do Brasil não morre de amores pelo Ceará. Os Consultores da Missão viram Baturité por um prisma muito doirado. (Idem, p. 183-184).

À medida que a Escola ia sendo construída, Azevedo comenta, apoiado na narrativa do memorialista jesuíta, Pe Alexandrino Monteiro (Escritor de livros de história e piedade), que “o Pe Pinto foi substituído pelo Pe Luis Gonzaga Baecher, pois estava no cargo desde 1919, sendo nomeado Reitor do Colégio Antônio Vieira em Salvador” e que o “Pe Celestino foi o primeiro Superior da Residência e do Colégio.” (p. 187-190).

Refere também a um atropelo técnico, dado que o Engenheiro por ela responsável teria feito medidas erradas na construção, trazendo problemas e atraso na obra. Traz também referência a uma polêmica sobre um prospecto de publicidade do Colégio:

A falta de verba atrasou bastante as obras da escola e a sua inauguração foi celebrada aos 15 de agosto de 1927. Já em 1923 foi elaborado o prospecto para a futura Escola, redigido pelo Pe Monteiro, similar ao de outras Escolas. O mesmo despertou polêmica quanto aos trajés e “condições de admissão (p. 191).



No tópico abaixo, daremos destaque à tal polêmica causada pelo dito prospecto publicitário da nova Escola, o qual evidencia o perfil esperado do alunado.

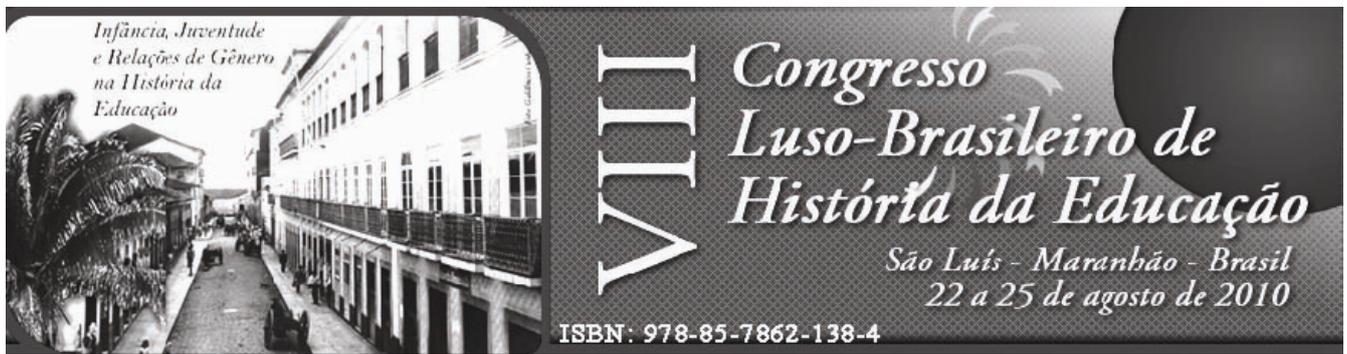
### **O Perfil de Crianças e Jovens para Ingresso na Escola Apostólica de Baturité**

Azevedo alude, com sinceridade, às severas críticas advindas do jornal *O Ceará*, do dia 30 de outubro de 1926, em artigo intitulado *O Colégio Jesuíta de Baturité*, tratando da definição do perfil de crianças e jovens requeridos para ingressar na Escola de Baturité, a partir de um prospecto publicitário regulamentando a inscrição de alunos, nos seguintes termos: ...”as immoralíssimas condições de matrícula, ser de cor branca” e de “exterior aprazível” .

Segundo o atento historiador jesuíta, após a edição desta matéria, terá início um forte debate ideológico entre o jornal anticlerical *O Ceará* e jornal católico *O Nordeste*, quando este último apresenta uma defesa, no dia 04 de novembro de 1926, que será respondida pelo outro periódico no dia 06/11/1926, resposta articulada pelo jornalista Moesio Rolim: “Loyola morrendo, não criou somente a Inquisição: fidalgo branco de Biscaia, criou o preconceito da raça, e cavalleiro requestado das damas de castella, o provilégio da beleza...” (IDEM, p. 192)

Azevedo comenta ainda que os Jesuítas perceberam o seu erro nesta cláusula e logo a tiraram, demonstrando em sua avaliação, portanto, que o escândalo causado pelo perfil elitista exigido para a entrada de crianças e jovens naquela Escola obrigou aos seus diretores a modificar os seus critérios de recrutamento do alunado. Contudo, a manutenção da exigência de pagamento de anuidade escolar, por si só, indicava a permanência de um critério de seletividade social.

Ao ficar pronto, o Colégio de Baturité apresentará uma dimensão colossal para o padrão arquitetônico da região em que se instala, que causa surpresa e impressão até os dias de hoje. Trata-se de um monumento escolar, que marcaria dali em diante a passagem dos Jesuítas pelo Nordeste do Brasil, no século XX, de modo a confirmar esse padrão



arquitetônico de sua missão formativa, traço que é comum a todos os Colégios da Companhia, em Portugal, Brasil e Índia. Sobre isso temos o seguinte parecer de Janeira (2009, p. 141):

Esta milícia religiosa incorpora uma relação especial com a memória, nomeadamente com a sua memória. Como consequência, retomou a tradição cristã de edificar – onde aplicava a essência da arquitectura ao serviço da perenidade, lembre-se a volumetria e a robustez das igrejas, da América do Sul à Ásia – como lhe apresentava a preocupação constante de acumular um discurso descritivo que permitisse transcrever e fazer perdurar o passado, recordem-se a obrigatoriedade das cartas ânua e a riqueza historiográfica sequente.

Azevedo comenta ainda a festa de inauguração para duas mil pessoas. Também conta que “Dom Manoel veio, acompanhado do Redactor do jornal O Nordeste”, e que “há uma Procissão”. A descrição é feita com riqueza de detalhes, sendo apresentada ainda uma expressiva fotografia da Escola no dia de sua inauguração. Logo depois, dedica-se a apresentar o seu Regime de Estudos:

O sistema de estudos da Escola Apostólica em Baturité foi como na Escola Apostólica da Província Portuguesa em San Martin de Trevejo, que saiu de Guimarães, primeiro para Salamanca e depois para San Martin: instrução religiosa, latim, português, matemática, grego, inglês; nas 4<sup>as</sup> e 5<sup>as</sup> classes, geografia e história universal, francês e noções elementares de ciências. O horário do dia normal era o seguinte:– 5:30 – Acordar; 6:00 Oração- 6:20 – Missa – café da manhã – livre; 7:45 – estudo; 8:30 – aula; 9:45 – livre; 10:00 – estudo; 10:45 – aula; 11:30 – visita ao S.S., almoço, etc;13:15 – leitura espiritual;13:30 – estudo; 14:00 – aula;15:30 – estudo; 16.30 – lanche, livre;17:45 – composição;19:00 jantar; 20:15 – recreação; 20:30 – orações noturnas, etc. (p. 197/200).

Comenta Azevedo então que “a formação dos Apostólicos naturalmente iria desembocar no Noviciado e começando a Escola Apostólica em 1927 com uma programação de 5 anos, o noviciado devia começar em 1932.” Fala também sobre a escolha do primeiro mestre dos noviços, Padre Celestino, que ocorrerá em 1931, sendo designado para essa função o Pe Coppex. O Autor apresenta o corpo docente e discente, ao lado de uma outra fotografia, onde se pode ver professores e alunos – comentando ser o alunado composto por “rapazitos de 11/12 anos de idade”.



A questão financeira volta a figurar na narrativa de Azevedo, com base nas cartas dos jesuítas fundadores daquela polêmica *Escola Apostólica de Baturité*, quando faz alusão a uma “carta aberta ao público divulgada pelo Pe Celestino, comentando a inauguração do Noviciado”, onde “a situação financeira voltou a preocupar apesar dos resultados positivos da Escola Apostólica.” Prossegue em seu relato:

Após inúmeras dificuldades mais ou menos conhecidas de todos vós, em 1927, no dia 15 de agosto (dia dos primeiros votos fundadores da Companhia) inaugurava-se a Escola Apostólica com a benção da parte da casa já construída, e no dia seguinte davam entrada nella os primeiros alumnos. Seguiam, em março de 1928, - 2 jovens e, em agosto de 1929, - 4 para o nosso Noviciado em Espanha, que eram as primeiras flores colhidas no jardim da Escola. Esses 6 esperançosos jovens estão já hoje unidos à Companhia pelos santos votos religiosos.

E, agora, no dia 11 de fevereiro de 1932, inaugurou-se ao fim o Noviciado, carinhosa aspiração dos velhos e alquebrados Padres e Irmãos, que têm em penhado os seus melhores esforços, em prol da parte norte do Brasil, que lhes fôra confiado; pois já vão descortinando quem lhes há de receber a pesada herança. São dez noviços escolásticos e dois coadjutores, que iniciaram a esperançosa obra. E outras mais se anunciam para breve [...]”.

A leitura da carta mostra as dificuldades já aludidas. O Padre Celestino prossegue falando das dívidas e dificuldades para manter a Escola e que as despesas aumentarão com a abertura do Noviciado. Diz que vivem de esmolas de amigos, o que confirma a luta permanente ali travada para garantir o seu funcionamento.

Tratando da organização do ensino na Escola Apostólica de Baturité, o autor diz que:

No início havia 7 Juniores que cursaram as matérias de português, latim, grego, literatura portuguesa e universal, eloquência, matemática e história. No ano seguinte, 1935, a presença do padre António Monteiro da Cruz entre os formadores realizou aquela visão do padre Pinto de que a Escola Apostólica iria nacionalizar a Missão. O Pe Monteiro, uma das primeiras vocações brasileiras para as Missão, ensinou retórica, português e matemática e foi Superior dos Jesuítas. Douto, perspicaz e, acima de tudo, cheio de entusiasmo os Jesuítas portugueses acataram suas opiniões (p. 206).

Na página seguinte, diz que os Noviços e Juniores faziam Catequese a crianças, jovens e até adultos nos sítios de Labirinto, Volta e Correntes, em equipes de 3 ou 4 pessoas. Explica o que eram as Academias: “ estas podiam ser sob a forma de : peças teatrais, coros,



celebrações literárias, eventos e festas da Escola, comuns em períodos de férias e e que o povo de fora tb a tudo assistia.” Frisa o Autor que o Pe Alexandrino Monteiro (Músico, compositor, escritor e dramaturgo) era quem organizava muitas dessas academias. Ressalta que parte das tradições artísticas da Cia de Jesus, é uma história da qual muitas pessoas nada conhecem. Comenta à seguir que “a escola começou com 14 pessoas em 1927; na inauguração do Noviciado em 1932, 60; no início do Juniorado, em 1934, 66 e em 1938, 126.” (p. 209)

O Autor elogia a qualidade de vida e estudo na escola, nomeia e data seus Reitores e Prefeitos de Estudo: “Pe Baecher, Pe Freire (artista e liturgista, humanizou ainda mais a Escola); Pe Teixeira (antipatizado pelos alunos); Escolástico Manuel Lira (1936); Aloísio Mosca de carvalho ( fim de 1937).”

Comenta que os pais dos Apostólicos, na sua maioria, não podiam pagar as anuidades, diferentemente de Nova Friburgo, da Escola Apostólica da Província do Brasil Central). Fala da “pobreza” e dificuldade que caracterizaram a edificação e custeio da Escola como uma experiência edificante na formação do Jesuíta. Apresenta como conclusão as seguintes considerações:

A Escola Apostólica em Baturité, portanto, fez mais do que nacionalizar a Missão Portuguesa, como o Padre Pinto ardentemente desejava; possibilitou também aos Jesuítas em formação uima oportunidade de fazerem uma espiritualidade, nos seus aspectos de pobreza, genuinamente inaciana. (p. 212)

Na sequência dos estudos de Azevedo sobre a Missão Portuguesa, relativos ao período compreendido entre 1936 e 1952, temos uma indicação da situação da Escola Apostólica de Baturité, no início da década de 1950, quando o Vice-Provincial é o Padre José Aparício da Silva(1948-1951) que pode ser resumida como uma “crise de vocações” e a “proposta de criação de um colégio” em Fortaleza, para substituí-la no papel de formação ao nível dos estudos menores:

O Autor salienta ainda o clima reinante de falta de consenso entre os Jesuítas acerca do rumo a ser dado à Escola Apostólica de Baturité, exceto quanto ao reconhecimento do sucesso obtido pela Escola, no tocante ao trabalho de Catequese:

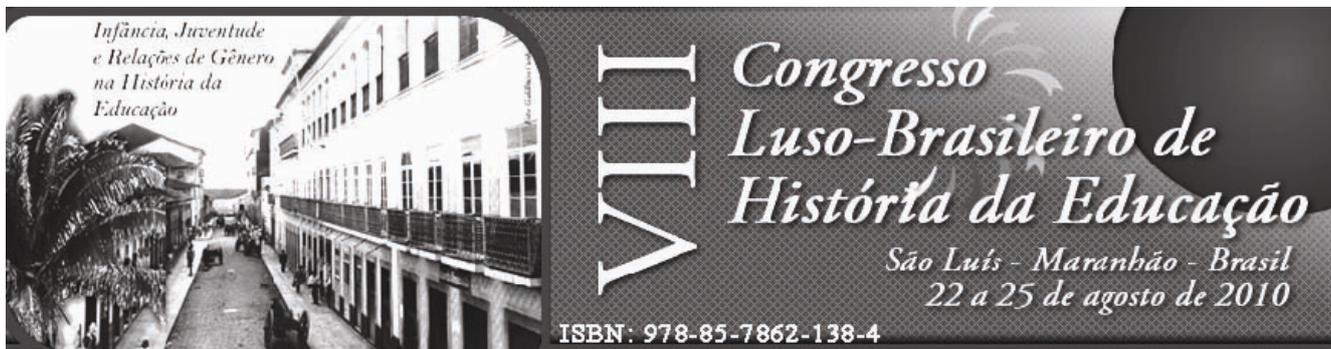


Se houvesse um consenso sobre uma atividade da Escola, sem dúvida, foi a qualidade da catequese oferecida à vizinhança. Os anos do vice-provencional de Aparício não foram uma exceção. Nos fins de 1950, os juniores iniciaram uma nova atividade, a catequese carcerária. É bem possível que a idéia para ajudar os presos na cadeia de Baturité surgiu de Pe. Barbosa visto que ganhou experiência durante sua Terceira Provação em Parecí Novo, no Estado de Rio Grande do Sul, quando, em 1949, trabalhou na Colônia Penal, que tinha uma população de quase um mil, em Porto Alegre. A primeira atividade catequética dos juniores foi simplesmente a recitação do terço às seis horas da tarde com os presos assim dispostos. Gradualmente, alguns, sentindo o desejo de confessar, pediram ajuda. Foi neste momento, que os juniores programaram uma festa natalina para os presos. Com a ajuda do Prefeito de Baturité, Miguel Edgy Távora, fez uma limpeza geral na cadeia. O evento começou no último domingo do Advento com a celebração eucarística e terminou, com a distribuição de presentes para os presos.(66)

Esta celeuma estava na raiz do fechamento da Escola Apostólica de Baturité e da criação posterior do Colégio Santo Inácio, que ocorrerá na década seguinte. O período aqui focado incide sobre o ano de 1922, que assinala a chegada dos Jesuítas no Ceará, com a missão de fundação de uma Escola, nos moldes da Escola Apostólica do Barro, que existira em Portugal, e o ano de 1962, quando os seus alunos são transferidos para o Colégio Santo Inácio, situado em Fortaleza.

### **Considerações Finais**

A historiografia jesuítica relativa à Missão Portuguesa no Brasil e a edificação da Escola de Baturité é escrita com grande riqueza de detalhes, baseada em documentação interna, arquivada pela própria Companhia de Jesus, com a intenção clara de difundir a ideia vitoriosa da acção educativa no Brasil dos *Jesuítas Portugueses Proscritos*, como ficaram eles amplamente conhecidos, através da narrativa do Padre Azevedo (1910/1914), enfeixada em dois volumes, e posta a circular pela Europa, depois da expulsão sofrida por ocasião da instalação da República de Portugal, como libelo em defesa da Província Portuguesa da Companhia de Jesus e, simultaneamente, de crítica e denúncia dirigida aos republicanos portugueses. Por essa razão, se pudemos partir dela para dar visibilidade à rede de instituições escolares criadas no Nordeste do Brasil pelos Jesuítas Portugueses, na primeira metade do



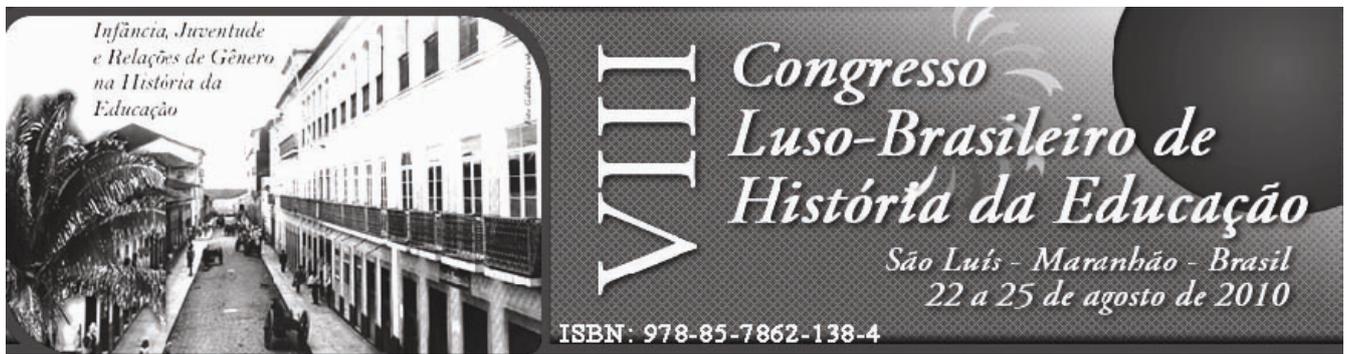
século XX, deveremos constituir novas fontes para tentar uma nova leitura, de natureza política, sob a perspectiva de outros testemunhos externos à Companhia de Jesus.

Trata-se de um episódio bastante lembrado entre os Jesuítas portugueses e brasileiros. Um recente testemunho por nós recolhido, junto a um ex-aluno da Escola Apostólica de Baturité, o Padre Santana, no dia 13 de Janeiro de 2009, na Residência dos Jesuítas em Fortaleza, mostra, por exemplo, a situação alimentar e a origem social de uma parte dos alunos daquela Escola, em seu período áureo, em meados da década de 1930, que confirmam as indicações já oferecidas, com a vantagem de terem sido directamente vivenciadas:

No período em que estudei lá, entre 1933 e 1936, a Escola de Baturité era como um feudo. Não faltava nada. Os padres portugueses eram de famílias de agricultores e tinham hortas, cuidadas pelo padre Silva, que forneciam verduras para toda a Escola; tinha uma vacaria, quase ao lado da Escola, que dava leite em abundância, até vendiam para fora o que sobrava; tinha um Matadouro, uma Pocilga e fruta ali não faltava. Havia muitas mangueiras. Como noviço, eu mesmo plantei ali muitas mangueiras. A alimentação era muito boa ali, não faltava nada. Os meninos pobres que estudavam lá não pagavam nada. Além do que era produzido no próprio sítio da Escola, os padres missionários portugueses arranjavam doações, como sacos de farinha de mandioca, quando faziam suas missões pelos interiores.

O Padre Santana, nascido no dia 22 de Janeiro de 1924, no Recife, e que, aos 16 anos de idade, saiu do Seminário de Olinda para a Escola Apostólica de Baturité, com uma memória viva e rica, nos fala também sobre as razões de fechamento daquela instituição, ressaltando que a maioria dos alunos que a compunham eram pobres, não podendo pagar por seus estudos, obrigando os seus diretores a garantir a sua subsistência por um sistema próprio de produção de alimentos, bem como usar as esmolas obtidas pelos padres jesuítas em suas atividades pastorais, para resolver dificuldades financeiras da instituição, o que tornava a sobrevivência da Escola uma luta incessante e terá contribuído depois para o seu fechamento, quando se instala, paralelamente, uma “crise de vocações”, por parte dos alunos ali ingressos:

A Escola Apostólica devia ter naquela altura uns 60 meninos. O Noviciado durava dois anos e o Juniarado, mais dois anos, sendo este voltado para Humanidades e Letras. E os padres da Escola ainda ajudavam à Paróquia da cidade de Baturité, Mulungu e outras cidades da redondeza. As esmolas que os padres recebiam nessa actividade paroquial eram canalizadas para a



Escola. Alguns alunos pagavam, como era o caso dos meninos do Juazeiro que os pais tinham recursos. Mas, a maioria não podia. A maioria ia lá estudar de graça. Recebia uma boa formação espiritual, intelectual, mas não tinha vocação. A Casa tinha que carregar todo esse peso, cheia de alunos, tendo todos os seus andares ocupados. O Padre Machado, no prefácio do primeiro livro do Padre Ferdinand, diz que A Escola Apostólica de Baturité tinha os melhores estudos de Juniarado do Brasil.

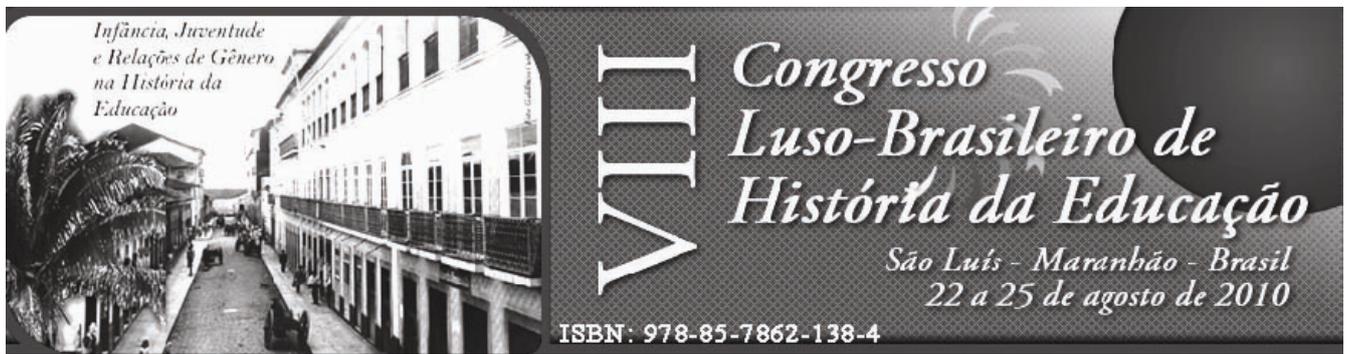
Sobre a especificidade histórica da Escola Apostólica cearense, é importante ressaltar uma vez mais, a preferência da Companhia de Jesus por instalar tais escolas em território europeu e a relutância em fazê-lo no Brasil e, ainda mais no Ceará, sabendo-se ser este visto por alguns Jesuítas, à época da escolha de sua localização, como sertanejo e atrasado, dado que não constituía, do ponto de vista económico e político, sequer o centro da região nordeste, em face da força e prestígio das cidades do Recife e Salvador. É necessário perseguir novas evidências da dinâmica de formação e impacto daquela Escola, no meio cearense, ao longo de décadas, para chegarmos à busca de nexos com os dias atuais, problematizando ainda o significado da Escola Apostólica de Baturité para a formação de jesuítas brasileiros.

Um livro organizado pelo próprio Padre Pinto, que foi impresso na cidade do Porto, em 1936, explicita a finalidade maior daquela Escola Apostólica:

O fim desta Escola é educar meninos, que sintam vocação para a vida apostólica, sacerdotal e religiosa na Companhia de Jesus. Em conformidade com este fim, só se admitem, neste viveiro de Missionários, alunos internos, que se distingam por uma sólida piedade e tenham decidida vontade de se consagrar ao serviço de Deus, da Igreja e do Altar, na Companhia de Jesus. (p. 39).

Enfatizamos aqui, como recorte especial, os critérios estabelecidos inicialmente pelos Jesuítas para a aceitação de crianças e jovens cearenses para compor o seu alunado, os quais estavam relacionados, como vimos, com a exigência de *boa saúde, compleição física e temperamento*, devendo ainda ser de *cor branca, vacinados, ter exterior aprazível* e pertencer a famílias em boas condições financeiras para bancar essa formação.

Sabemos agora que, com o passar do tempo, na sua maioria, os alunos ali chegados se afastaram do perfil estabelecido por seus idealizadores para o recrutamento de



um apostolado brasileiro da Companhia de Jesus e que, de certo modo, o percurso seguido pela Escola Apostólica de Baturité viria depois do seu fechamento, confirmar talvez a desconfiança de alguns Jesuítas, quanto ao acerto de instalar tão importante instituição numa área geográfica distante dos centros mais ricos do Brasil.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Ferdinand. *A Missão Portuguesa da Companhia de Jesus no Nordeste (1911-1936)*. Recife, Fundação António dos Santos Abranches – FASA, 1986.

\_\_\_\_\_. *Mosteiro dos Jesuítas – Baturité-CE: a Missão Portuguesa da Companhia de Jesus no Nordeste (1911 – 1936)*. Recife, Fundação António dos Santos Abranches – FASA, 1986.

\_\_\_\_\_. *Procurando sua Identidade: a difícil trajetória da Vice-Província do Brasil Setentrional da Companhia de Jesus, nos anos 1937-1952*. Recife, FASA, 2006.

AZEVEDO, Padre Luis Gonzaga de. S.J.. *Proscritos – 2 volumes (1º editado em 1910) e 2º volume*. Bruxelas, E.Daem, 1914.

FERNANDES, Padre António Paulo Cyriaco. *Missionários Jesuítas no Brasil no tempo de Pombal*. Autor: Fernandes, S.J./Prefácio de Tristão de Ataíde; Porto Alegre, Edição Livraria do Globo/Barcelos, Bertoso & Cia/Filiais Santa Maria e Pelotas, 1936.

JANEIRA, Ana Luísa. *Apontamentos andarilhos – Memórias da Companhia de Jesus no Centro Acadêmico de Évora*. IN: *Revue, Revista da Universidade de Évora*, ano VI, nº 10-11, Abril 2009, p. 138- 142.

LEAL, Vinicius Barros. *Padre Redondo: um modelo de mansidão e amor a Deus*. Fortaleza, s/editora, 2006.

PINTO, Padre António (Org.). *Seminário Menor do Coração de Jesus – Escola Apostólica dos Padres Jesuítas em Baturité, Ceará, 1932*. Pôrto, Tip. Costa Carregal, 1932.

RICOUER, Paul. *A Memória, a História e o Esquecimento*. Campinas/S.P.: Editora da Unicamp, 2007.